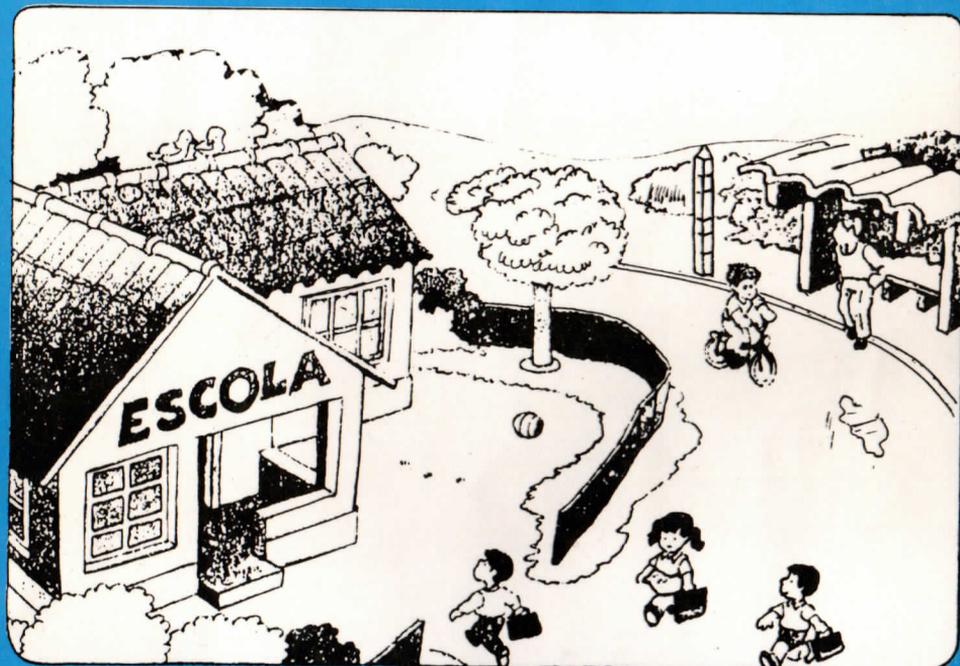


DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

ESCOLA PARA TODOS



COMO VOCÊ DEVE COMPORTAR-SE DIANTE
DE UM EDUCANDO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

CORDE

Coordenadoria Nacional para Integração
da Pessoa Portadora de Deficiência - CRDE

Esplanada dos Ministérios - Bloco "B" - 7º Andar - Sala 735
70054-900 - Brasília - DF
Fones: (061) 325-3307 - 325-3617 e 325-3419
Fax: (061) 325-8457

ESCOLA PARA TODOS

COMO VOCÊ DEVE COMPORTAR-SE DIANTE DE UM EDUCANDO
PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

**COMO VOCÊ DEVE COMPORTAR-SE DIANTE DE UM
EDUCANDO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA**

2ª edição

FLÁVIA FAISSAL DE SOUZA
Prof.ª Educação Física
LP 9403861/CPF 023051227-56

CORDE
Brasília
1994

Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência -
CORDE

Esplanada dos Ministérios - Bloco "B" - 7º Andar - Sala 735

70054-900 - Brasília - DF

Fones: (061) 225-3307 - 225-3617 e 225-3419

Fax: (061) 225-8457

Normalizado por Marilena Vasconcelos
Ribeiro CRB-1 / 1127 (MBES / CDB)

Canziani, Maria de Lourdes.

Escola para todos: como você deve comportar-se
diante de um educando portador de deficiência / adap-
tação Maria de Lourdes Canziani. - 2. ed. - Brasília:
CORDE, 1994.

25 p. : il.

Adaptação de: Escola para todos /

1. Educação especial. 2. Portador de
Deficiência. I. Autor do original. II. Título

CDU 376-056.26

ESCOLA PARA TODOS

COMO VOCÊ DEVE COMPORTAR-SE DIANTE DE UM EDUCANDO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

- PREZADO PROFESSOR: QUEREMOS AJUDÁ-LO

Sabemos que, quase sempre, a formação que recebeu, bem como os apoios de que dispõe, não correspondem ao que desejaria para ajudá-lo na integração do aluno portador de deficiência na sua sala de aula.

Nem todas as escolas e estruturas sociais estão preparadas para recebê-los:

- porque os professores não se sentem preparados para atender adequadamente as necessidades daqueles educandos;
- porque receiam não serem capazes de facilitar o desenvolvimento global do aluno;
- porque as crianças/jovens que não portam deficiência não foram preparadas sobre como aceitar ou como brincar com os colegas com deficiência e chegam, por isso às vezes, a rejeitá-los;
- porque os edifícios foram construídos para pessoas sem deficiência, marginalizando de imediato alguns alunos e portadores de deficiência física e visual;
- porque muitos dos profissionais da escola se opõem à integração destes alunos;
- porque algumas famílias de crianças/jovens que não portam deficiência, temem que este contato seja prejudicial a seus filhos, ou que não dignifique a escola;
- porque os pais e familiares de crianças/jovens com deficiência têm receio de que seu filho tenha dificuldade no relacionamento interpessoal na escola, preferindo mantê-lo em casa ou em instituições especializadas;

- porque o próprio portador de deficiência não foi ensinado e encorajado a enfrentar o mundo e a sociedade com confiança em si próprio; não sabe que tem um lugar que é seu e que as pessoas sem deficiência necessitam da sua participação, pois mais ninguém pode desempenhar o seu papel no grupo a que pertence. Ele tem DIREITOS e DEVERES.

SUGERIMOS, POR TODAS ESTAS RAZÕES, QUE:

- exponha as suas dificuldades, aos seus superiores para alertar e melhorar as estruturas existentes; salvaguardando o sigilo profissional, procure informar-se ao máximo sobre os seguintes pontos:
- a deficiência da criança/jovem e as suas possibilidades de participar nas atividades escolares (aulas, recreios, etc.);
- a maneira como os familiares encaram a deficiência e como o aluno com deficiência encara a sua família;
- a reação da família à integração; se os seus receios são transmitidos, normalmente, ao portador de deficiência;
- a reação da criança/jovem com deficiência perante a integração.

Os seus principais problemas, como pessoa e como professor, na relação com esses alunos são:

- dificuldades na comunicação com eles;
- dificuldades que apresentam no aprendizado dos conhecimentos necessários ao seu progresso escolar.

O professor não é terapeuta; a sua missão junto a estes alunos é acima de tudo, criar um ambiente tal à sua volta que lhes faça sentirem-se aceitos e os leve a participar no grupo.

Paralelamente, procure encontrar o melhor meio de facilitar-lhes a aprendizagem, para possibilitar-lhes um desenvolvimento global equilibrado.

Refletindo sobre estes aspectos, a sua atuação será mais eficiente:

- com os adultos da escola;
- com as crianças/jovens que não portam deficiência;
- com as famílias da criança/jovem que porta deficiência;
- com as famílias das crianças/jovens que não portam deficiência;
- consigo mesmo e com as crianças/jovens com deficiência;

Isto permitirá que a criança/jovem portadora de deficiência:

- sentindo-se aceita, tenha a segurança necessária para participar nas atividades;
- tendo as facilidades necessárias, possa adquirir toda a autonomia que é capaz;
- sendo solicitada, possa desenvolver suas aptidões e adquirir os conhecimentos que lhe são indispensáveis.

Lembre-se ainda que corre o risco de :

- superprotegê-la ou abandoná-la (procure saber o que ela pode fazer e incentive-a a tomar iniciativas);
- fazê-la sentir quais as ajudas de que necessita e que devem ser dadas, com naturalidade;
- marginalizá-la, por não estar atento ao seu ritmo ou não considerar a importância da sua localização na sala de aula;
- traumatizá-la, por não considerar a importância da sua participação nos jogos coletivos, nos recreios e nas atividades da sala de aula.

O mais importante é a felicidade e o bem-estar da criança/jovem pois, sem isso, ninguém é PESSOA nem APRENDE.

SUGESTÕES

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM COM DEFICIÊNCIA MOTORA:

- procure que se anulem as barreiras arquitetônicas e se façam as adaptações necessárias.

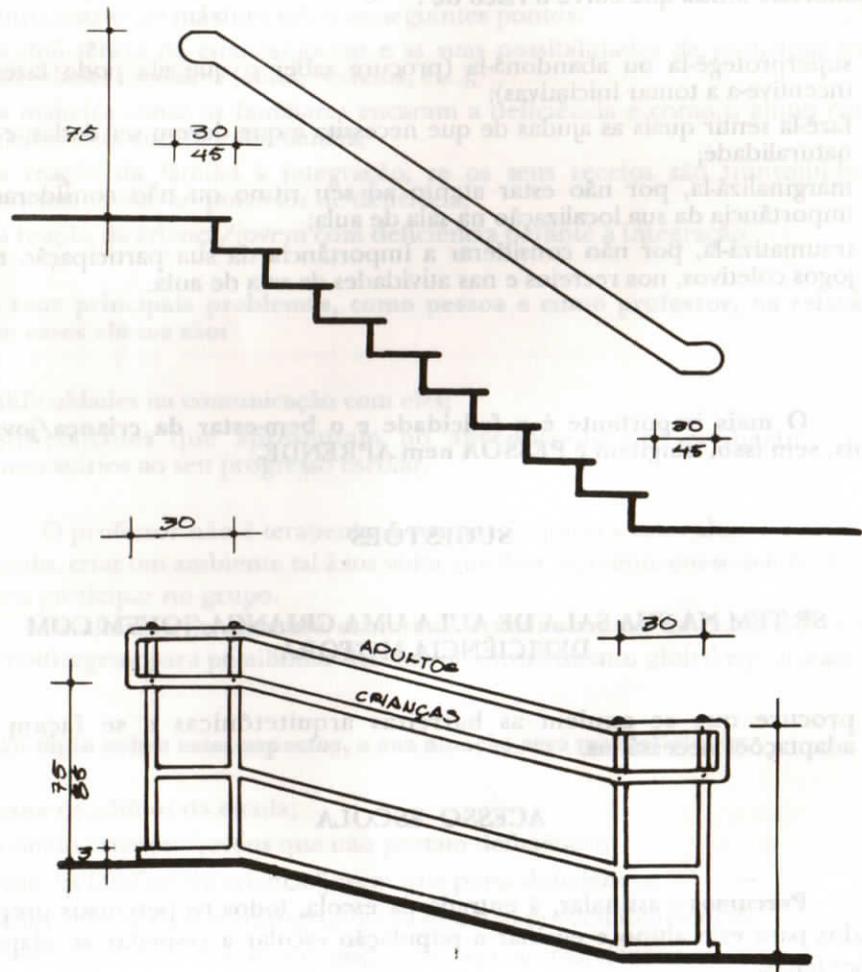
ACESSO ESCOLA

Percursos - assinalar, à entrada da escola, todos os percursos preparados para este aluno e ensinar a população escolar a respeitar as adaptações feitas.

Antes do começo das aulas, o aluno com deficiência deve ser aconselhado a ir à escola para conhecer a sua sala e todos os percursos que terá de fazer.

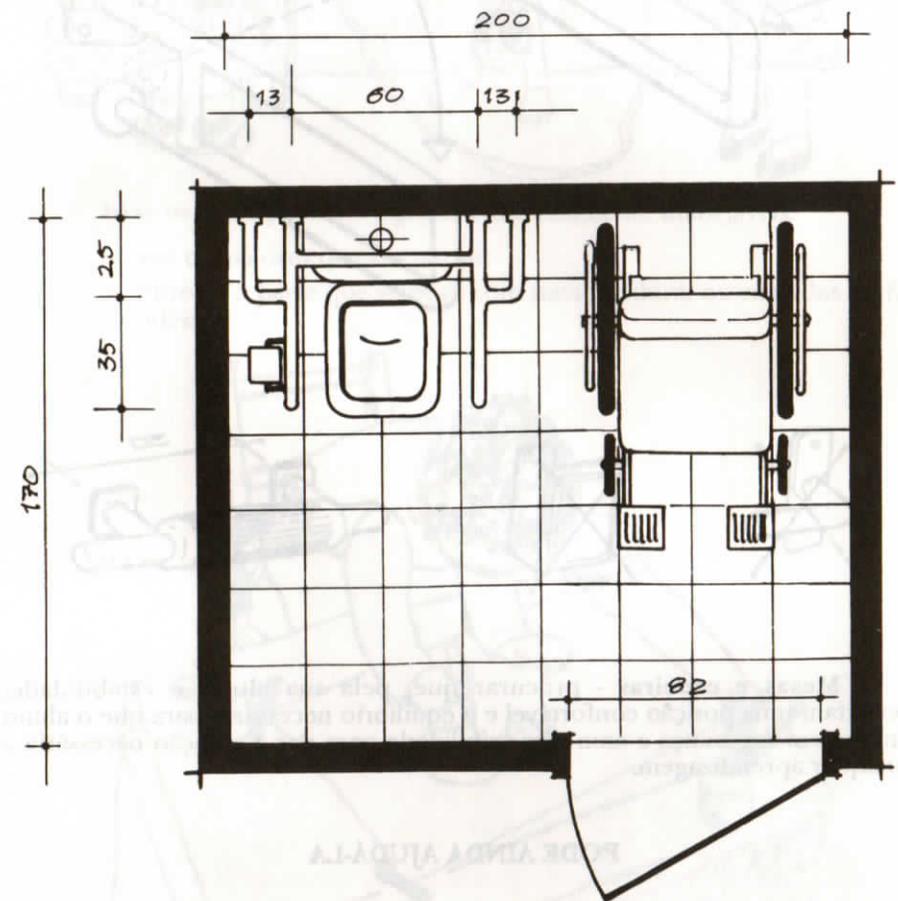
Escadas - procurar que as salas de aula sejam em princípio no térreo para os que utilizam cadeiras de rodas, aparelhos, ou andem com dificuldade.

Todas as escadas por onde a pessoa com deficiência tenha de passar, na impossibilidade de uma rampa de acesso, devem ter SEMPRE, um corrimão de cada lado.



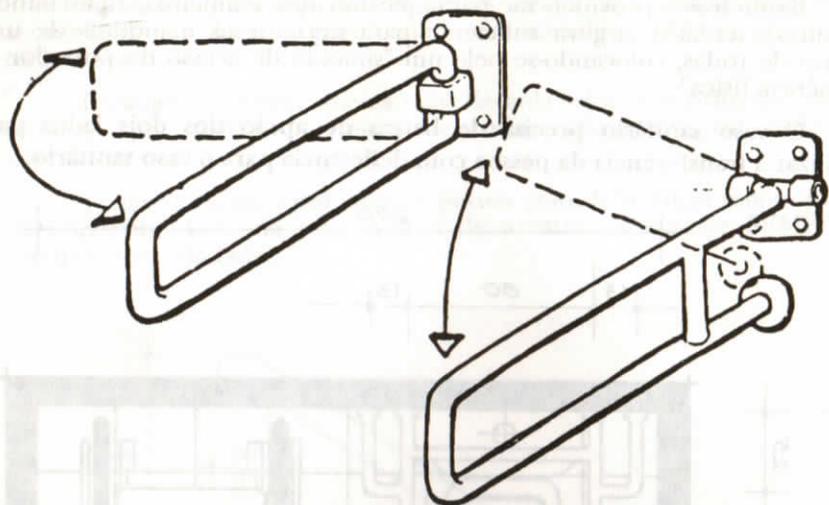
Banheiros - providenciar para que um dos banheiros, (masculino e feminino), tenha a largura suficiente para permitir as manobras de uma cadeira de rodas, colocando-se nele um "símbolo de acesso do portador de deficiência física".

O vaso sanitário precisa de barras de apoio dos dois lados para viabilizar a transferência da pessoa com deficiência para o vaso sanitário.



Portas - prever que todas as portas que a pessoa portadora de deficiência tenha de utilizar permitam a passagem de uma cadeira de rodas.

Puxadores de porta, interruptores e quadro de giz - providenciar para que estejam a uma altura adequada, para poderem ser utilizados pelos que usam cadeiras de rodas.



Mesas e cadeiras - procurar que, pela sua altura e estabilidade, permitam uma posição confortável e o equilíbrio necessário para que o aluno sintam-se em segurança e com disponibilidade para dar a atenção necessária a qualquer aprendizagem.

PODE AINDA AJUDÁ-LA

- 1 - levando-a a avaliar as suas possibilidades e limitações.
 - 2 - descobrindo adaptações que lhe permitam utilizar brinquedos ou objetos de trabalho:
- a) prendendo o papel com fita adesiva à mesa, quando a criança/jovem tem descoordenação de movimentos.



b) se os lápis, pincéis ou giz forem dificilmente manejáveis:

- use os maiores que encontrar;
- envolva a parte que se pega com uma ligadura, ou camadas de fita adesiva;

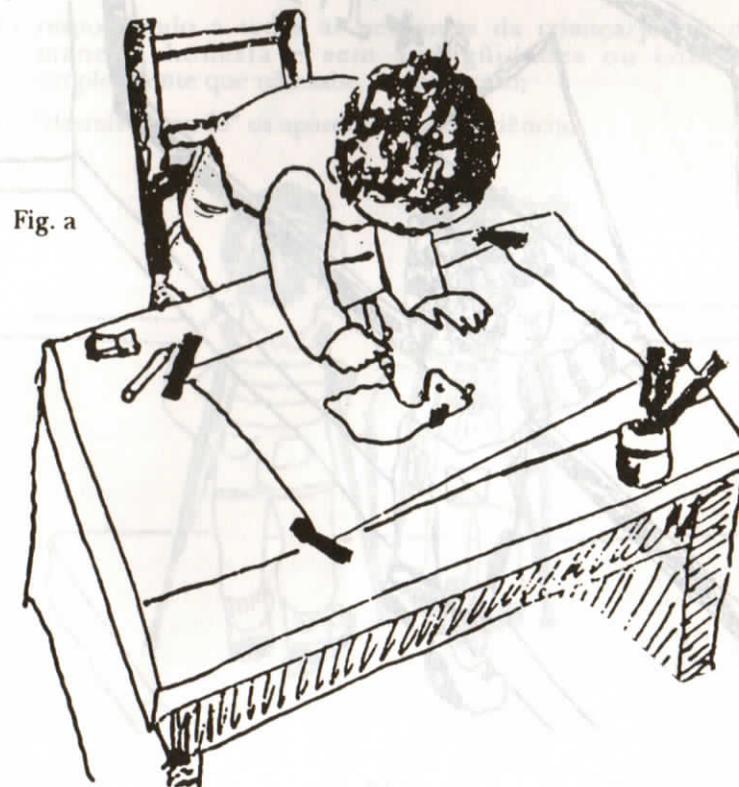
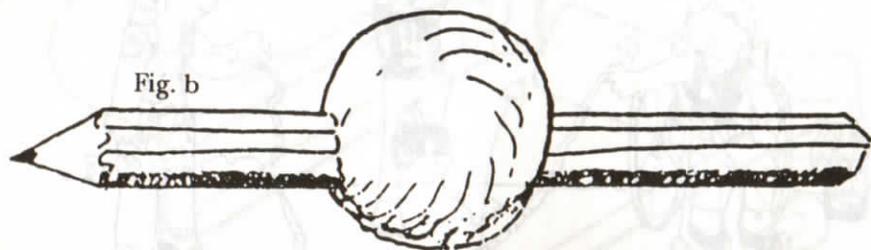
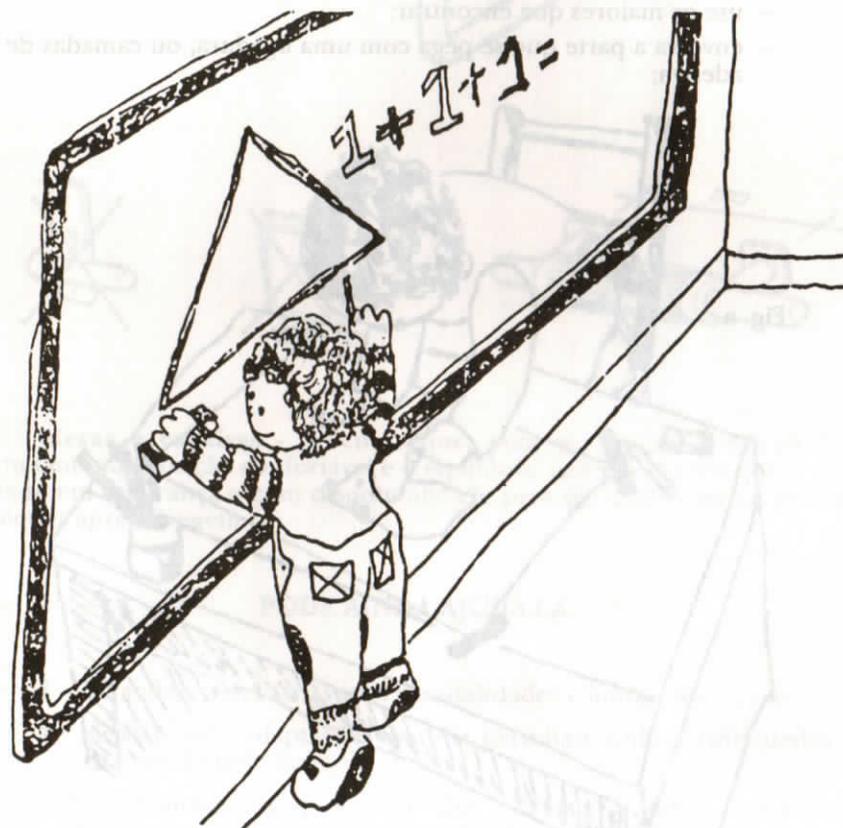


Fig. a

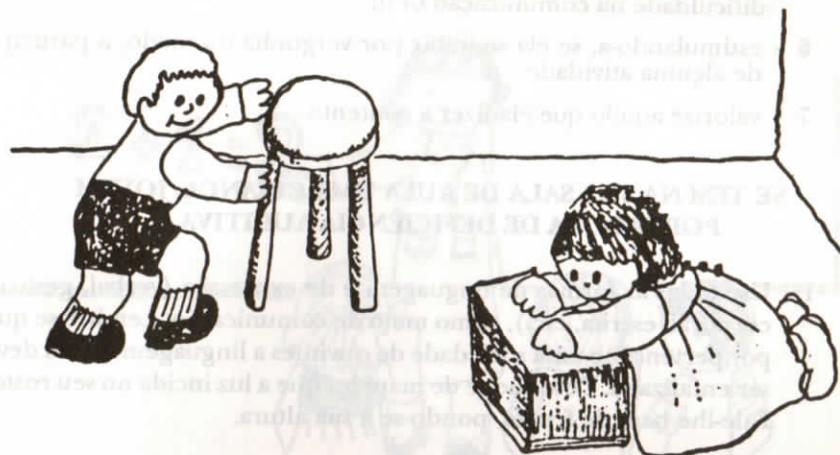
- enfie o lápis, pincel ou giz num anel de borracha que a criança/jovem agarre com a mão toda, controlando, assim, melhor o instrumento.



- c) usando papéis e quadros grandes se a criança/jovem só consegue traços muito extensos e tem dificuldades no controle dos movimentos;



- d) dando-lhe um objeto para empurrar, se tem falta de equilíbrio.



- 3 - respondendo a todas as perguntas da criança/jovem de uma maneira honesta e sem ambigüidades ou confessando simplesmente que não sabe, se for o caso;
- 4 - "desmistificando" os aparelhos e a deficiência;



- 5 - levando-a a recorrer à mímica ou ao gesto, sempre que haja dificuldade na comunicação oral;
- 6 - estimulando-a, se ela se inibir por vergonha ou medo, a participar de alguma atividade.
- 7 - valorize aquilo que ela fizer a contento.

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM PORTADORA DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

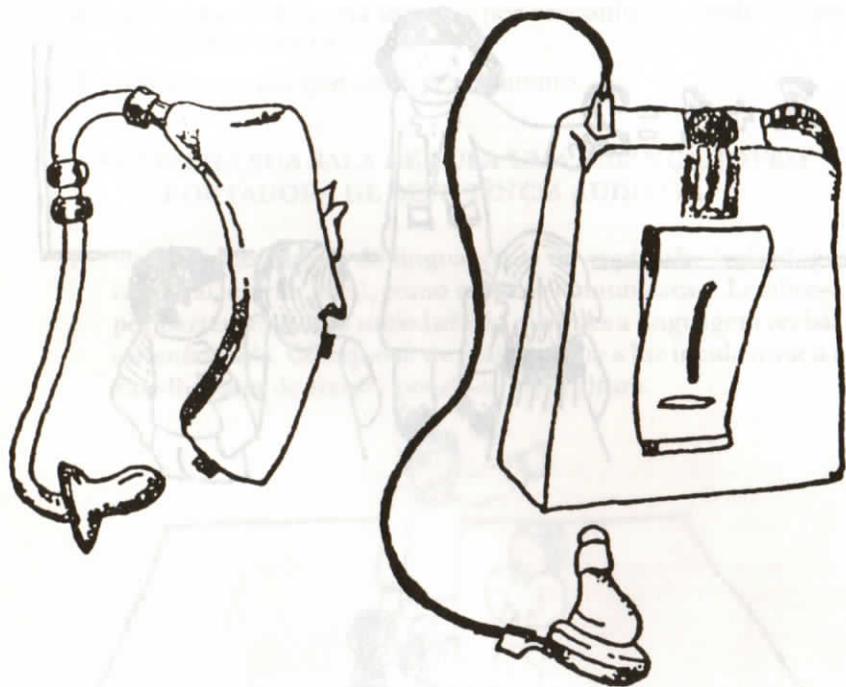
- 1 - Use todas as formas de linguagem e de expressão (verbal, gestual, corporal, escrita, etc.), como meio de comunicação: Lembre-se que por pertencer a uma sociedade de ouvintes a linguagem verbal deve ser enfatizada. Coloque-se de maneira que a luz incida no seu rosto. Fale-lhe bem de frente, pondo-se à sua altura.



- 2 - coloque-a na sala numa posição que lhe permita seguir facilmente tudo o que se passa
Um lugar na 2ª fila da classe é uma boa situação. Não está demasiadamente em evidência, como sucederia no caso de colocação na 1ª fila e tem a possibilidade de visualizar o Professor e os colegas, bem como de maximizar os seus resíduos auditivos.
- 3 - quando explicar a matéria, certifique-se de que está bem de frente para a criança/jovem e apoie a sua explicação em imagens, facilitando, assim, a compreensão do conteúdo.



- 4 - não grite nunca; fale devagar e suavemente, ao ritmo natural;
- 5 - se a linguagem gestual for um recurso no momento em que o aluno não saiba exprimir-se de outro modo, aceite-a e utilize-a para facilitar a comunicação;
- 6 - não estranhe a pobreza do vocabulário porque as limitações de estrutura lingüística são uma constante;
- 7 - as atividades escolares e recreativas a desenvolver serão as mesmas das outras crianças;
- 8 - o ritmo e a percepção plantar desenvolvidas na educação e na dança são fundamentais;
- 9 - a prótese auditiva individual é uma ajuda muito importante na reabilitação da criança/jovem com deficiência auditiva e o seu uso sistemático torna-se indispensável.



Quanto à prótese:

veja se o molde auricular está bem adaptado, para evitar ruídos;

veja se o molde auricular está sujo ou entupido;

verifique as condições das pilhas;

informe-se quais as modalidades de regulação da prótese e verifique se está bem regulada.

Estas medidas consideram-se válidas para os diferentes tipos de deficiência auditiva (transmissão, percepção e mista) nos seus diferentes graus (ligeira, moderada, severa e profunda).

Seguem-se alguns sinais que podem dar indícios de perda auditiva:

- se a criança/jovem é irrequieta, muito distraída, vulgo "desatenta", e "aérea";
- se apenas ouve após um grande esforço de concentração;
- se não localiza a proveniência de sons;
- se não reage a chamamentos;
- se fixa-se excessivamente na expressão fisionômica do professor, visando a fazer leitura labial;
- se pede freqüentemente a repetição do que foi dito;
- se vira o ouvido para o local de emissão dos sons;
- se comete erros freqüentes nos ditados.

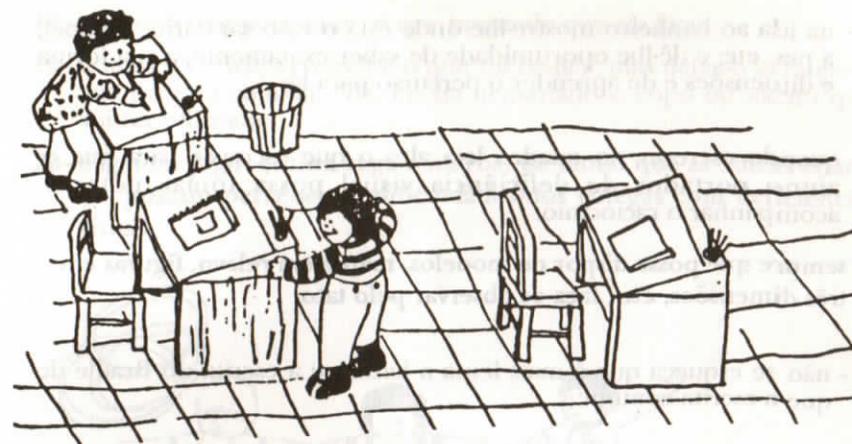
Encaminhe-a, em caso de suspeita, para uma consulta médica especializada, visando a obtenção de um diagnóstico clínico e de uma orientação adequada ao caso.

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM
COM DEFICIÊNCIA VISUAL:

- 1 - caminhe com o portador de deficiência visual pela sala, em linha reta, até ele ser capaz de andar sozinho. Não o puxe. Deixe-o seguir o seu ritmo oferecendo-lhe o braço. Nas passagens estreitas (onde só cabe uma pessoa), passe adiante e diga-lhe o que se passa, colocando-o completamente atrás de si.

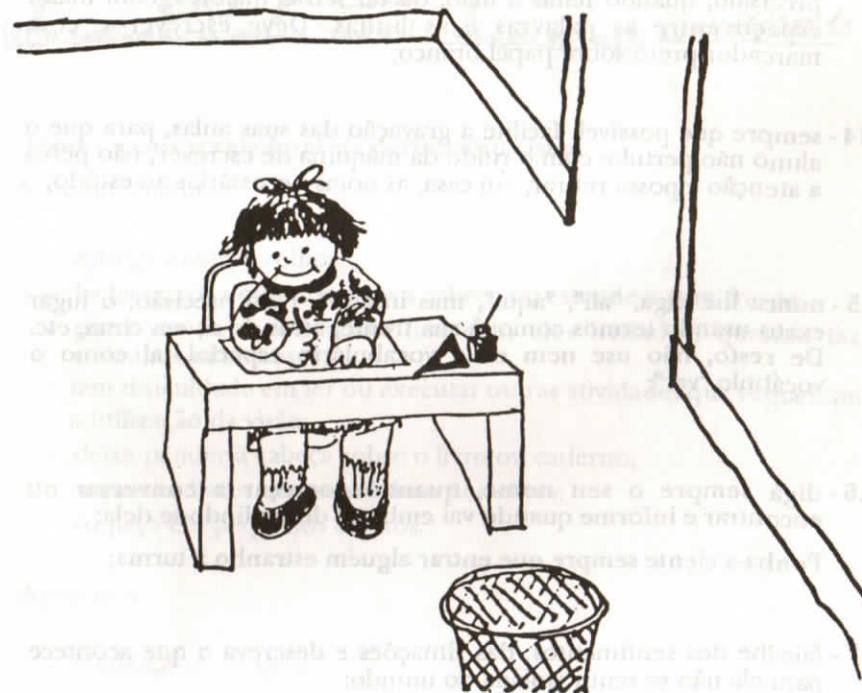


- 2 - dê uma volta completa na sala, fazendo-lhe notar os móveis, o quadro e todas as outras referências, não esquecendo os centros;
- 3 - chame-lhe à atenção, nos percursos da escola, para as inclinações do terreno, curvas para direita ou esquerda, subidas, correntes de ar, diferenças nos pisos, etc. Pois são informações muito úteis;
- 4 - ponha-o ciente sempre que haja qualquer modificação na sala ou percurso que costuma fazer;
- 5 - ao subir ou descer escadas avise-o, simplesmente, antes de começar e antes de acabar. Se ele preferir, coloque-lhe a mão sobre o corrimão.



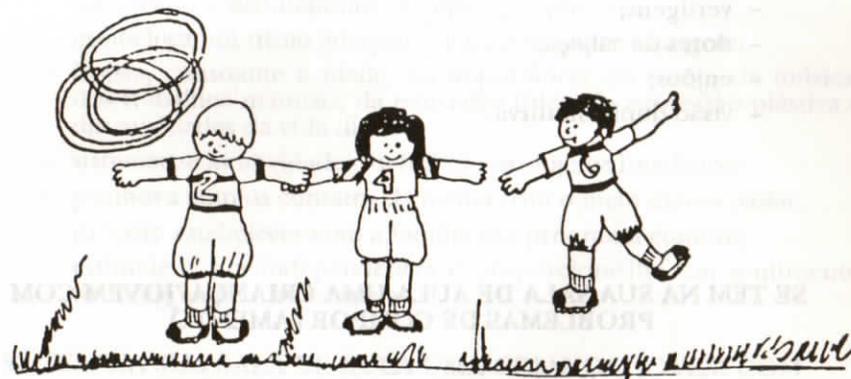
- 6 - para lhe indicar a cadeira, coloque-lhe a mão nas costas da mesma;

- 7 - procure que o aluno tenha uma boa posição corporal;



- 8 - na ida ao banheiro mostre-lhe onde está o vaso sanitário, o papel, a pia, etc; e dê-lhe oportunidade de saber exatamente, a sua forma e dimensões e de aprender o percurso para lá;
- 9 - quando escrever no quadro leia alto o que escrever para que o aluno portador de deficiência visual possa tomar notas e acompanhar o raciocínio;
- 10- sempre que possa dispor de modelos, mapas em relevo, figuras em três dimensões, etc., faça-os observar pelo tato;
- 11 - não se esqueça que é mais lenta a leitura e a escrita do Braille do que a escrita comum;
- 12- quando se tratar de um portador de visão subnormal (amblíope), coloque-o nas 1ª filas sem que tenha luz de frente;
- 13 - certos amblíopes recorrem à lupa e carecem de ampliações. Estes precisam, quando feitas à mão, de ter letras maiores, com maior espaço entre as palavras e as linhas. Deve escrever-se com marcador preto sobre papel branco;
- 14 - sempre que possível, facilite a gravação das suas aulas, para que o aluno não pertube com o ruído da máquina de escrever, não perca a atenção e possa retirar, em casa, as notas necessárias ao estudo;
- 15 - nunca lhe diga, "ali", "aqui", mas indique, com precisão, o lugar exato usando termos como: à sua frente, atrás de si, em cima, etc. De resto, não use nem evite vocabulário especial tal como o vocábulo "ver";
- 16 - diga sempre o seu nome, quando começar a conversar ou encontrar e informe quando vai embora, despedindo-se dela;
Ponha-a ciente sempre que entrar alguém estranho à turma;
- 17 - fale-lhe dos sentimentos, das situações e descreva o que acontece para ela não se sentir isolada do mundo;

- 18 - descreva, em pormenor, o que pretende que ela faça;
- 19 - à hora da refeição diga-lhe o que vai comer, mas deixe-o arranjar a sua própria comida. Não encha demasiado o copo ou xícara que vai ser utilizada;
- 20- organize jogos (cabra cega e outros) de modo que as outras crianças possam perceber as dificuldades dos colegas com deficiência visual.



Alguns sinais reveladores de perturbação visual

Comportamento:

- esfrega muito os olhos;
- fecha um dos olhos, sacode a cabeça ou estende-a para frente;
- pisca muito os olhos ou fica com eles irritados, quando faz trabalhos minuciosos;
- tem dificuldade em ler ou executar outras atividades que requeiram a utilização da visão;
- deixa pender a cabeça sobre o livro ou caderno;
- segura os livros muito próximo dos olhos;
- tropeça em pequenos objetos.

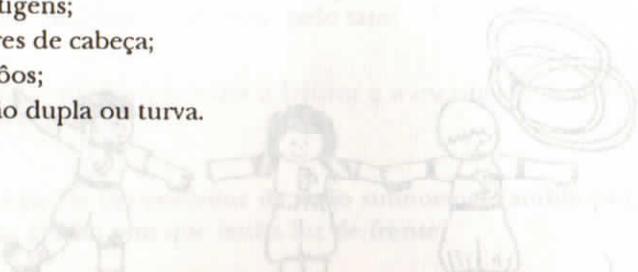
Aparência:

- olhos tortos (vesgo);

- pálpebras com as bordas vermelhas, com crostas ou inchadas;
- olhos com inflamações freqüentes;

Queixas:

- comichão, ardor ou irritação dos olhos;
- não consegue ver bem;
- vertigens;
- dores de cabeça;
- enjôos;
- visão dupla ou turva.



SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Se se mostrar agressiva, provocadora, desinteressada ou inibida, procure:

- descobrir as causas deste comportamento e entender os seus objetivos para ajudar a resolver a situação;
- não se exaltar, não demonstrar ansiedade e nervosismo, mantendo-se sereno mas atento; ajude-a a integrar-se no grupo, apreciando as suas qualidades e não lhe exigindo mais do que é capaz de dar.

Pode ser que tenha graves motivos sócio-psico-familiares que a levem a proceder assim. Precisar-se sentir-se aceita, valorizada, apreciada, para poder ultrapassar a situação de chamada excessiva de atenção ou de dificuldade de integração no grupo.

Pode ser que a matéria ensinada não a estimule ou que, pelo contrário, não se sinta capaz de assimilar; o seu comportamento pode resultar de desinteresse ou ser uma defesa para determinadas dificuldades.

Uma boa relação professor/aluno, baseada na compreensão, no estímulo das capacidades individuais e na confiança mútua é fundamental para ultrapassar estes problemas e facilitar a adequada integração no grupo e progressos na aprendizagem escolar e social.

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM COM DEFICIÊNCIA MENTAL

- acredite que ela pode aprender alguma coisa e que a escola lhe é muito benéfica;
- facilite a sua integração, estimulando-a a cooperar;
- dê-lhe mais tempo para cada atividade, recorrendo predominantemente a tarefas concretas e funcionais, através de um ensino individualizado, sempre que possível;
- estabeleça um ritmo adequado para a sua aprendizagem;
- insista, consoante a idade, na importância do ritmo, da música, dos trabalhos manuais, da educação física, da expressão plástica e das atividades da vida diária;
- sistematize as atividades, definindo os objetos imediatos;
- promova amplos contatos da turma com o meio extra-escolar;
- procure estabelecer com a família um programa comum;
- estimule a sua independência e proporcione-lhe um sentimento de integridade e autonomia.

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Lembre-se que não é:

- Portador de deficiência mental
- Portador de deficiência sensorial
- Portador de deficiência motora
- Portador de deficiência emocional

Embora possa manifestar:

- uma discrepância entre o potencial intelectual e o nível de realização escolar;
- desordens básicas nos processos e estratégias de aprendizagem;
- possibilidades de uma disfunção do sistema nervoso central;
- sinais de rendimento intelectual deficitário, privação cultural, perturbações emocionais de adaptação ou dificuldades sensoriais;
- dificuldades instrumentais de tipo perceptivo que repercutem na aprendizagem;

- instabilidade motora e de atenção: hiperatividade;
- dificuldade na coordenação de movimentos;
- dificuldades de ajustamento à realidade e às exigências do trabalho;
- problemas de visão, audição e fala.

Por tais razões estas crianças/jovens necessitam:

- ensino individualizado;
- estruturação das etapas de aprendizagem por pequenos passos;
- constância nos horários e hábitos escolares;
- atividades estruturadas;
- chamadas de atenção para a realidade e suporte no enfrentar da mesma;
- ausência de competição escolar;
- referências visuais, auditivas e táteis que facilitem a aprendizagem.

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM COM EPILEPSIA

A epilepsia é uma situação que se caracteriza pela existência de crises anômalas que tendem a repetir-se e que partem de descargas cerebrais patológicas, não estando necessariamente associada a deficiência mental ou outra.

As crises podem ser **generalizadas** e **focais**.

Nas crises generalizadas, todo o cérebro é ponto de partida para as descargas, sendo as mais comuns as **CONVULSÕES** e as **AUSÊNCIAS**.

Nas convulsões há vários estágios. De início a criança /jovem fica hirta e cai em consciência; pode não respirar ficando com os lábios roxos e com uma cor escura. Na fase seguinte é sacudida por abalos e pode babar-se, urinar e respirar ruidosamente. Nesta fase pode morder a língua e machucar-se, se estiver perto de objetos que possam ferí-lo. Seguidamente há um período mais ou menos longo de sono, em que o cérebro se recupera e, ao acordar, não se lembra de ter tido a crise.

Nas **AUSÊNCIAS** há uma parada das atividades ou continuação imperfeita das mesmas. O olhar fica vago e não responde se lhe falamos; pode pestanejar ou abanar levemente a cabeça; poucos minutos depois retoma a atividade sem se dar conta.

Deve alertar-se a família e o médico.

QUAL A ATUAÇÃO POSSÍVEL DO PROFESSOR:

- mantenha a calma durante a crise, pois nada poderá fazer para a impedir;
- observe o que se passa para relatar à família ou ao médico posteriormente;
- evite obstáculos onde a criança possa se machucar;
- afrouxe a gola ou cinto para facilitar a respiração;
- coloque, entre os dentes, um lenço dobrado para evitar que morda a língua;
- explique aos seus alunos que certos hábitos, tais como o forçar a abrir as mãos, puxar a língua, dar água, são perigosos e prejudiciais;
- se a crise demorar mais de 15 a 20 minutos chame uma ambulância.

SITUAÇÕES QUE PODEM PROVOCAR UM ATAQUE EPILEPTICO:

(dependendo do foco de irritabilidade)

- perder noites ou acordar bruscamente;
- uma forte excitação, solicitações freqüentes, a sensação de esgotamento e as situações de angústia ou medo;
- o consumo de álcool produz efeitos secundários que, por sua vez, podem provocar um ataque;
- comer e/ou beber em excesso, especialmente à noite;
- a permanência em locais ruidosos, ou com luzes intermitentes intensas;
- ver televisão, em particular quando a luz é intermitente, ou as legendas e a imagem não estão fixas.

"A causa mais freqüente para o reaparecimento de ataques é a administração irregular ou não administração dos medicamentos receitados contra a epilepsia".

Para maiores informações, entrar em contato com:

- LIGA BRASILEIRA DE EPILEPSIA

Endereço: Departamento de Neurologia - Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Campinas - Campus

Dr. Zeferino Vaz - CEP: 13083-060 - Campinas-SP

Fones: (0192) 249055 - 397994

SE TEM NA SUA SALA DE AULA UMA CRIANÇA/JOVEM COM HEMOFILIA

A hemofilia é uma doença de caráter hereditário e que afeta os rapazes.

A pessoa atingida apresenta anomalias diversas de hemostase e, mais particularmente, de coagulação do sangue. As hemorragias são, na maior parte dos casos, provocadas por um traumatismo, mas podem aparecer espontaneamente. A importância das hemorragias não é a mesma para todos os hemofílicos. Todavia, em alguns casos, podem necessitar de internação.

As manifestações mais comuns são o aparecimento de hematomas subcutâneos ou intramusculares, comumente designados por "nódoas negras". A reabsorção destes últimos pode limitar momentaneamente a mobilidade dos membros atingidos.

PRECAUÇÕES A TOMAR NA ESCOLA

- o fator de idade tem uma grande importância e o professor deverá então exercer uma vigilância tanto mais constante quanto mais novos forem os alunos.
- na maioria dos casos os hemofílicos não podem participar da aula de Educação Física;
- os ligeiramente atingidos podem praticar atividades físicas em que não haja risco de contusões.
- o professor deve certificar-se que a criança/jovem traga consigo o seu CARTÃO DE HEMOFÍLICO e as indicações necessárias para a família e entidades médicas em caso de acidente.

Seguem alguns casos benígnos em que a criança pode receber os cuidados na escola:

- 1 - hemorragias no nariz: não se alarmar e fazer pressão, com um dedo durante 05 a 10 minutos, sobre as asas do nariz. A criança/jovem deve ficar sentada.
- 2 - FERIMENTOS: depois da desinfecção, aplicar uma gase e um saco de gelo ou uma compressa fria. Se a hemorragia persistir será necessário avisar imediatamente o médico.

HEMATOMAS: envolver a zona traumatizada com uma ligadura compressiva e, aplicar um saco de plástico com gelo ou compressa fria. Nunca utilizar pomada sem orientação médica.

Os hematomas do pescoço, da boca, da língua, do rosto e dos olhos, requerem tratamento imediato e hospitalização.

- 4 - o hemofílico deverá ser hospitalizado de urgência depois de quedas e traumatismos violentos;
- 5 - a hospitalização deve igualmente efetuar-se em caso de palidez acentuada que pode ser sinal de uma anemia grave.

A hemofilia não afeta em nada as possibilidades intelectuais. As relações entre a ESCOLA e a FAMÍLIA são indispensáveis para superar os inconvenientes da frequência irregular. Do mesmo modo é aconselhável retardar alguns minutos a sua saída das aulas.

Muito tempo de pé, marchas muito rápidas ou muito longas devem ser evitadas.

Os trabalhos manuais/oficinas exigem precauções especiais.

Para maiores informações, entrar em contato com:

- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HEMOFÍLICOS -

Endereço: Rua Harmonia, 197 - Bairro Casa Amarela
Recife-PE - CEP 52051-000

- CENTRO DE HEMOFÍLICOS -

Endereço: Rua Capitão Macedo, 470 - São Paulo - SP
CEP 04021-000 - FONE: (011) 5444814 e 5440648

FLÁVIA FAISSAL DE SOUZA
Prof.ª Educação Física
LP 940884/CPF 028051227-56